

DIO E A FIDELIDADE DO CACO

wancisco franco

DIO E A FIDELIDADE DO CACO

“A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas”

JMC (Mia Couto)

Caco era amigo do meu primo Dio. Eles estudavam juntos, ou, talvez, mais bebiam juntos. Dio morava lá na cidade. Fora criado no bairro; mas, bem depois dos vinte e cinco e ainda longe dos trinta anos, conseguiu diminuir o copo e finalmente realizar o sonho de ir estudar em faculdade; o que o fez sair de casa, mal empregar-se numa autarquia e ir viver com amigos perto do *campus*, onde conheceu Caco.

Depois disso nunca que ele vinha ver a gente. Quase nunca!

Quando aparecia, nem ia na casa do pai; vinha logo bater em nossa casa, cheirando as panelas e fazendo gracejos pras minhas irmãs – arre!

Foi assim que apareceu num domingo, trazendo junto o tal Caco.

Um tal que sabia tudo sobre tudo.

Comeram muito, mas também não pararam de beber cerveja o dia todo. E o Caco falando, falando. Tipo atraente, a conversa dele prendia a atenção de todos, principalmente a das moças – fez encher o fundo do quintal. Bem mais jovem que Dio, foi pra escola ainda criancinha e nunca perdeu um ano; tinha família estudada, carro próprio, e sabia tudo de cinema. Fez curso de música, piano, violão, judô, paraquedismo, canto, natação; e, como afirmaria Dio, aprendeu mais de uma língua, conhecia os livros clássicos, cometia versos e até lia razoável em latim e grego.

Vivia, assim, circundado pelas moças bonitas, os rapazes inteligentes, e algumas cabeças diferentes pela experiência e rudez, como o primo Dio.

Comia todas, e rivalizava com qualquer um.

Afinal, dizia meu primo com um arzinho de inveja, era o rei dos cursos; tinha respostas para tudo, qualquer tipo de questão; até sobre aviação, astronáutica, ou o que mais fosse, sempre haveria de lembrar um curso longínquo para respaldar-lhe as opiniões. Mas não era de vangloriar-se se o assunto fosse relações amorosas; sou fiel a todas as minhas mulheres, dizia, tão sarcástico quanto prematuramente desiludido com a raça humana.

O primo Dio nunca foi um homem de muitas mulheres; mas, descrente da existência, tão, ou mais, que o jovem amigo, também soube aprender ser fiel a suas poucas.

A desilusão existencial os aproximava e parecia afiná-los intelectualmente. Segundo Dio, na faculdade teriam realizado em conjunto um bom número de trabalhos nota dez, além de bem sucedidos colóquios.

Numa das bebereções lá no fundo do quintal, sempre cheio quando eles apareciam, lembro dos dois a expor com sarcasmo sua *teoria gravitacional da História* segundo a qual – tudo tende a ir pro buraco, dizia eufórico o embebalhado Caco, ao som de gargalhadas do fiel parceiro, que remendava: – ontem foi melhor que hoje, e hoje vai ser melhor que amanhã.

Depois de graduados, na “gravitacional” e, profissionalmente, pouco promissora, área de História, Caco seguiu fiel aos estudos, enquanto primo Dio preferiu a fidelidade ao copo. O amigo, antes de sair de cena, ainda teria insistido alguns meses, tentando convencê-lo a não se entregar a um cômodo niilismo; mas, desgraçadamente vulnerável, primo Dio cedera ao eixo do destino, que levou ele sim pro buraco – inapelavelmente.

Coma alcoólica!

Ou overdose.

Foi a notícia que circulou pelo bairro.

Wancisco Franco

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/dio-e-a-fidelidade-do-caco>